

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## DO POVOAMENTO ANIMAL AO NAUFRÁGIO DA ARCA LITERATURA E ZOOPOÉTICA<sup>1</sup>

*Anne Simon*

Especialista de Proust e de literatura dos séculos XX e XXI, A. Simon é professora na EHESS e na ENS, diretora de investigação CNRS e responsável pelo programa-rede Animots/Carnets de zoopoétique, centrado na animalidade em literatura, filosofia, ética e etologia. Os seus trabalhos sobre M. Proust, A. Cohen, J. Giono e muitos outros escritores e escritoras contemporâneo.a.s cruzam os estudos literários com ciências da vida como a ecologia e a etologia. A sua investigação articula dois eixos principais: a expressão do vivente na literatura; as relações entre o pensamento, o sensível e a criação literária. Na confluência destes dois eixos, A. Simon teoriza a zoopoética como nova abordagem dos textos literários e nova ética da leitura. As suas grandes referências são Derrida, Merleau-Ponty, Deleuze e o Antigo Testamento. O conhecimento do hebreu e do pensamento que lhe está associado impregnam o seu livro mais recente: *Une bête entre les lignes. Essai de zoopoétique*, publicado em abril de 2021. Corrente hermenêutica em franca expansão em França e na Europa, a

---

<sup>1</sup> Anne Simon (2017). *Du peuplement animal au naufrage de l'Arche: la littérature entre zoopoétique et zoopoéthique*. L'Esprit Créateur, 57, 1, pp. 83-86

zoopoética resulta da inscrição das humanidades no que Frédéric Worms chama ‘o momento do vivente’. Tributária dos grandes debates filosóficos, políticos e éticos que se desenrolam nos círculos dos *animal studies* e do pós-humanismo crítico, a zoopoética distingue-se deles pela prioridade da dimensão formal, sensível e poética dos textos. Neste excerto, tirado de um artigo fundamental para a formalização da zoopoética, a autora enuncia o objetivo e a metodologia da nova área de estudos literários interdisciplinares – com a sua ética intrínseca – bem como algumas das suas coordenadas filosóficas.

A zoopoética opera cruzamentos inéditos entre estudos literários e filosofia, história, antropologia perspectivista, ética, mesologia, etologia, zoosemiótica, biologia e ecologia. Esta abertura sobre aquilo que, no seio destas disciplinas, está em debate ou em impasse permite renovar o foco assim como a metodologia dos estudos de letras, tornando-os capazes de restituir a diversidade das formas criadas pelos escritores para evocar a pluralidade de modos animais de habitar o mundo e de lhe dar sentido. A zoopoética articula o poder inventivo e mesmo instituinte<sup>2</sup> da linguagem criativa e expressividade primordial do vivente — o poiein do zôon.

A escrita e a leitura autorizam experiências fortes de desterritorialização subjetiva no seio da mais extrema concentração. Fazendo-se narrativa detalhada de uma existência animal na primeira pessoa (“a maneira de se comportar de um animal é a maneira de ele dizer ‘eu’<sup>3</sup>”) ou recriando a evanescência de um élan ou de um esvoaçar,

---

<sup>2</sup> M. Merleau-Ponty, “L’institution dans l’histoire personnelle et publique”, *L’institution; La passivité*, D. Darmaillacq, C. Lefort et S. Ménasé, ed. (Paris: Belin, 2003), pp. 39–77.

<sup>3</sup> F. Burgat, *Une autre existence : La condition animale* (Paris: Albin Michel, 2012), p. 337.

a linguagem conduz a “passeios em mundos desconhecidos”<sup>4</sup> e a potencialidades insuspeitas do vivente. A prática figural e poética da língua, que tira a sua força e vitalidade do mundo, que é a *archè* primordial cara a Husserl<sup>5</sup>, autoriza uma experiência da alteridade que se efetua através do cúmulo do humano. A literatura, linguagem elevada “à segunda potência<sup>6</sup>” segundo Merleau-Ponty, permite seguir, roçar ou até assumir corporalidades, ritmos, intensidades e afetos animais por vezes radicalmente exotos.

Muitos escritores sugerem que os bichos estabelecem com os humanos relações que cobrem um largo espectro emocional, da fuga ao ataque, da indiferença à curiosidade, da loucura à cumplicidade. A tarefa da zoopoética é examinar como a literatura dá conta destas maneiras diferenciadas de frequentar ou de afastar os humanos. Debruçar-me-ei particularmente sobre a singularidade das experiências de entre-deois que certos textos nos dão a ler [...]

### **Às vezes: pensamento sensível, pensamento do singular**

Recusando um pensamento da disjunção entre a linguagem e a vida, a zoopoética toma a sério não apenas a possibilidade para a literatura de exprimir os aspetos, os tempos e as emoções de outras espécies, mas também a diversidade dos atos e dos comportamentos que comprometem os bichos, do mais ínfimo ao mais impressionante, do mais familiar ao mais estranho, com múltiplas formas de expressividade. Os bichos, carnais e reais – não o animal. Este plural

---

<sup>4</sup> J. von Uexküll, *Milieu animal et milieu humain*, C. Martin-Fréville, trad. (Paris: Payot et Rivages, 2010), p. 25.

<sup>5</sup> E. Husserl, *L'arche-originnaire* (posthume), dans *La Terre ne se meut pas*, Didier Frank, Jean-F. Lavigne et D. Pradelle, trad. (Paris : Minuit, 1989), pp. 9–29.

<sup>6</sup> M. Merleau-Ponty, *La prose du monde*, C. Lefort, éd. (Paris: Gallimard, 1969), 7, p. 132.

(animais ou bichos), em que tanto insistiram Derrida<sup>7</sup> e Fontenay<sup>8</sup>, é uma proposta gramatical que nos orienta para espaços-tempos diferentes daqueles que os humanos produzem e investem. Antecipando o início sem antecipar a continuação, este plural é um passo linguístico fundamental e fundador, pois permite situar-nos desde logo numa ética da aproximação e num imaginário do encontro. Para que esta continuação tenha eventualmente lugar, para que haja – talvez sim, talvez não – vizinhança, reconhecimento, partilha ou até “Ineinander<sup>9</sup>”, é preciso começar por ficar num limiar físico-mental que autorize essa possibilidade. Quantos filósofos filosofam sobre “a animalidade” sem nunca se terem socializado com os bichos, insurge-se Charles-Georges Leroy<sup>10</sup>, ou esquecendo que estavam a falar com o cão mesmo antes de prosseguirem o ensaio sobre o animal que já não desejam ser... Como poderia haver uma continuação da grande fuga comum (por vezes “em sentidos contrários<sup>11</sup>”) dos viventes na Terra, se não pressupuséssemos uma origem, profana ou divina, que os reúne, de uma maneira ou de outra (e há, claro, alguns livros que foram escritos sobre isto de uma maneira ou de outra)?

Talvez sim, talvez não: também aqui não se trata de tomar posição *a priori*, mas de sugerir que às vezes, em certas circunstâncias – regulares, excecionais ou aterradoras, mas sempre vitais – um abanão das esferas de pertença e de intencionalidade produz-se com tal ou tal animal. O que quer dizer: nem com tal outro, nem em outro

---

<sup>7</sup> J. Derrida, *L'animal que donc je suis*, M.-L. Mallet, éd. (Paris: Galilée, 2006), pp. 54–65, 73–75.

<sup>8</sup> É. de Fontenay, *Le silence des bêtes : La philosophie à l'épreuve de l'animalité* (Paris: Fayard, 1998), p. 25.

<sup>9</sup> Maurice Merleau-Ponty, *La nature*, Dominique Séglaard, éd. (Paris: Seuil, 1995), 270.

<sup>10</sup> Leroy, evocando os bichos, precisa que “para os conhecer bem, é preciso ter vivido em sociedade com eles; e a maior parte dos filósofos não percebem nada”. Charles-Georges Leroy, *Lettres philosophiques sur l'intelligence et la perfectibilité des animaux, avec quelques lettres sur l'homme* (Paris: Valade, 1802), xvi.

<sup>11</sup> “En fait, nous fuyions tous les deux mais en sens contraires”. Romain Gary, “Lettre à l'éléphant”, *Le Figaro Littéraire* (4 mars 1968), p. 11.

momento. Pode ser um cataclismo pessoal que funcione como *hapax*, ou um imenso e continuado prazer que tentamos repetidamente porque reenvia a uma presença partilhada, a emoções entrelaçadas, a um corpo a corpo apaziguante: gato confiante que dorme enrolado; bico-de-lacre que me responde porque encontrei o acorde certo (nove assobios muito agudos e muito rápidos que o exaltam e me encantam); joaninha que sobe pelo meu dedo como uma trepadeira (o meu dedo não é uma trepadeira, mas ela não sabe, mas eu sei e aproveito para viver um momento na sua vida). Quem disse que a partilha implica sistematicamente a reciprocidade? [...]

Às vezes – opto por um pensamento do salto, da colisão, da constelação e da conflagração, não por um pensamento de sistema, indução dedução, premissas-conclusão, tese-prova-síntese, chamem-lhe o que quiserem, conhecem-no bem, pois beberam-no até à última gota desde a escola primária. Às vezes humanos e animais inclinam-se para um mundo de emoções partilhadas, apesar de diferenças extremas.

Este às vezes remete para a vida singular, a vida qualificada por adjetivos, essas palavrinhas instáveis que a filosofia ocidental detesta tanto quanto os exemplos de que o idealismo desconfia porque injetam o particular, o aleatório e o perturbador no puro desenrolar das razões da razão. Para o pensamento dualista, estes adjetivos, contrariamente aos nomes, designariam os atributos e não a substância, os fenómenos e não a essência<sup>12</sup>. Tenho tendência a encarar um pensamento sem adjetivos como um pensamento conjuntamente desqualificado e inqualificável: um pensamento sem qualidades... Percebe-se que este por vezes seja o objeto da literatura, dos poemas, das peças, das canções, dos romances, dos contos, dos cânticos,

---

<sup>12</sup> Para uma crítica desta abordagem do pensamento, ver Anne Simon, “Pensées sensibles”, *Trafics de Proust: Merleau-Ponty, Sartre, Deleuze, Barthes* (Paris: Hermann, 2016), pp. 195–208.

dos caligramas, lugares simultaneamente simbólicos e materiais do singular – que diz respeito a todos porque é extremo – e logo da alteridade, incluindo os *aloga*. As bestas são decerto desprovidas de *logos* humano; são, porém, aptas a responder, por sons, comportamentos, produções de ritmos e de formas, a alguns dos seus apelos ou violências [...]

Aaron M. Moe lembra-nos que o espectro da expressividade animal – assim como o dos humanos que têm, no entanto, tendência a sobrevalorizar a linguagem verbal à custa de incessantes malentendidos – é de uma imensa amplitude, e que é infinita a sua agentividade para a manifestar<sup>13</sup>. Corpos e ações exprimem, no sentido de secreções em resposta aos estímulos do meio, no sentido de uma configuração do mundo e de uma transmissão de memória<sup>14</sup>, no sentido enfim de uma interação significativa com os congêneres (progenitura, pares, rivais) ou com outras espécies (inimigos, presas, vizinhos, parasitas). Surge aqui [...] Bailly que privilegia os verbos “menos abstratos que os nomes e como encostados ao aspeto imediato e ativo do mundo vivo”, mais fiéis à “banda sonora<sup>15</sup>”, à profusão e aos movimentos dos animais. Pensamento adjetival ou pensamento verbal, o essencial é sair do pensamento nominal quando ele rima com pensamento frontal.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE  
CRISTINA ÁLVARES E CONCEIÇÃO VARELA

Universidade do Minho

---

<sup>13</sup> Aaron M. Moe, “Zoopoetics: An Introduction”, *Zoopoetics: Animals and the Making of Poetry* (Lanham, MD: Lexington, 2014), pp. 5–32.

<sup>14</sup> Moe dá um belo exemplo de invocação, de salvação e de deploração animais, “Interlude: Elephants”, Moe, pp. 117–18.

<sup>15</sup> Jean-Christophe Bailly, “Les animaux conjuguent les verbes en silence”, *L'Esprit Créateur*, 51.4 (2011), p. 107, 111.